

Ero

umma

vez...



Foi o inverno mais frio pelo qual o reino já havia passado. A geada cobria os túmulos. As roseiras no jardim do castelo estavam quase nuas, suas folhas enrugadas e marrons. Rei Magnus estava nas redondezas da floresta, com duque Hammond, esperando que o outro exército chegasse. O rei podia ver sua própria respiração. As nuvens lentas e constantes se expandiam diante de seu rosto e desapareciam no ar frio da manhã. Suas mãos estavam dormentes. Ele não sentia o peso da armadura nas costas ou a pressão da cota de malha contra o pescoço com um metal tão frio que fazia sua pele arder. Não se preocupava com os inimigos do outro lado do campo de batalha, não tinha medo.

Por dentro, ele já estava morto.

Mesmo assim, seu exército estava a postos atrás dele. Um dos cavalos relinhou. “Foi há quase um ano”, pensou. “Ela morreu há

quase um ano.” Havia segurado a cabeça dela em suas mãos, observando o momento em que a vida deixava seus olhos. O que ele ia fazer? Quem era ele sem ela? Sentou-se em seus aposentos com sua jovem filha, mas a nuvem de tristeza era muito espessa e ele não conseguia dissipá-la. Não ouvia nada do que ela dizia.

— Sim, Branca de Neve — respondia com a mente em outro lugar enquanto ela o bombardeava de perguntas. — Certo, minha querida, eu sei.

Do outro lado do campo, ele via o exército inimigo. Eles eram guerreiros de sombra, um clã da escuridão reunido por alguma força mágica inexplicável. Estavam parados sob a névoa da manhã como se fossem silhuetas fantasmagóricas: sem nome e sem rosto. Suas armaduras eram de um preto fosco que se confundia com a escuridão da floresta. Não era possível dizer onde eles começavam e a floresta terminava.

Duque Hammond virou para o rei, as sobrancelhas juntas por causa da preocupação.

— De que inferno vem esse exército? — ele perguntou.

Rei Magnus travou a mandíbula e balançou a cabeça, tentando sair da inércia em que se encontrava há meses. Ele tinha um reino para proteger, agora e sempre.

— De um inferno que irão visitar em breve! — gritou. Em seguida, levantou a espada, conduzindo as tropas para o violento enfrentamento.

Eles correram em direção ao exército inimigo, suas espadas mirando a garganta das figuras. Dentro de pouco tempo, as sombras estavam sobre eles. A armadura do guerreiro era semelhante à deles, mas nela havia sombras negras que mudavam e giravam como fumaça. Um guerreiro sem rosto correu em direção ao rei Magnus com a arma em punho. O rei brandiu sua espada e a figura se despedaçou como vidro, milhares de cacos pretos voaram em

todas as direções. Levantou os olhos, atordoado. Ao seu redor, seus homens estavam atacando os guerreiros de sombras, que, um por um, explodiram na névoa da manhã. Os cacos brilhantes caíam para morrer no chão e desapareciam no solo duro e coberto de gelo. Dentro de minutos, o campo estava vazio. As tropas do rei estavam ali, sozinhas, e o som de respirações era a única coisa que pairava no ar. Era como se o exército inimigo nunca houvesse existido.

O rei e o duque Hammond trocaram um olhar confuso. Através da névoa, o rei pôde observar uma pequena estrutura de madeira se erguendo entre as árvores. Foi em direção a ela. Quando estava a 20 metros de distância, viu que aquilo era uma carroça-prisão. Desmontou do cavalo e olhou para dentro, quando notou a mulher agachada em um canto. Tinha cabelos louros ondulados caindo em cascata pelas costas. Um véu escondia seu rosto.

Ela havia sido levada cativa pelo exército, e quem saberia dizer o que tinham feito com ela? Dizia-se que as forças da escuridão mataram e mutilaram centenas de prisioneiros, até mesmo algumas crianças. Ele deu um golpe com sua espada sobre o cadeado e o quebrou.

— Você é livre agora. Não tenha medo de mim — disse, estendendo a mão para a jovem mulher. — Qual é seu nome, madame?

Lentamente, a mulher virou em sua direção e seu pequeno corpo se tornou visível na luz. Pousou sua mão delicada sobre a dele e levantou o véu. Rei Magnus contemplou a beleza da face alongada da mulher. Ela tinha lábios carnudos e olhos azuis marcantes, com cílios longos e bastos, e duas tranças de ouro finas que mantinham os cabelos distantes das maçãs salientes do rosto. Não deveria ter mais de 20 anos.

— Meu nome é Ravenna, nobre senhor — disse com uma voz serena e suave.

O rei ficou em silêncio. Tudo nela, seu nariz, seus dedos, seus lábios, era bonito e delicado. Sentiu o calor de sua mão e o cheiro dos pinheiros frescos ao seu redor. Lembrou-se claramente do dia em que conhecera sua esposa, a única mulher que, até então, o havia feito se sentir daquela maneira. Era verão e a luz do Sol matizada dançava sobre as folhas das macieiras.

Justamente naquele momento, a tristeza foi finalmente removida. Ali, diante de Ravenna, com o coração livre no peito, se sentiu, de repente, vivo novamente.

O rei voltou ao castelo com a bela jovem. As estações mudaram e aquela alegria inicial só cresceu. Rei Magnus pediu Ravenna em casamento. A cada dia ele se apaixonava um pouco mais por ela. Por aquela jovem mulher que tinha sido tirada de sua casa e mantida pelo exército inimigo. Ele se comportava como um adolescente em sua presença: seu rosto corava enquanto ela lhe contava histórias de sua vida antes de conhecê-lo, como tinha vivido nos limites do reino com seu irmão, Finn, e sua falecida mãe.

A filha do rei, Branca de Neve, se sentava ao lado deles durante as refeições, com o queixo apoiado nas mãos enquanto observava e estudava Ravenna. Ainda era uma criança, tinha apenas 7 anos de idade. Juntos, eles formavam uma família, e isso era o que o rei sempre desejara. Ele observava o modo como Ravenna, às vezes, sorria para Branca de Neve ou tomava a mão dela e a conduzia pelo pátio do castelo. Ela parecia estar muito feliz com eles...

* * *

Quando o dia do casamento chegou, Ravenna estava na parte de trás da catedral. Através das portas de madeira, ela ouvia a multidão falando e se movendo em seus assentos. Suas bochechas receberam pó. Seus lábios foram pintados de um profundo vermelho-

-sangue e seu vestido foi amarrado nas costas com tanta força que ela mal conseguia respirar. Observou seu reflexo no espelho, havia uma mínima ondulação em seus lábios. Naquela noite, após a cerimônia, não fingiria mais. Finalmente ia conseguir o que queria.

— Você está tão bonita... — uma voz sussurrou.

Era Branca de Neve, de pé no portal, olhando para ela. Branca de Neve segurou a cauda do longo vestido branco de Ravenna, erguendo-a para mantê-la longe do chão de pedra. Ravenna chamou a filha do rei para a frente com um ligeiro movimento de seu punho.

— Que amável, criança — balbuciou. — Especialmente quando se diz que a verdadeira beleza deste reino é a sua. — Ravenna tocou a bochecha da menina. Sua pele era perfeita como porcelana. Tinha olhos castanho-escuros enormes e bochechas rosa. Toda vez que ela passava pelas servas ou pelos soldados, eles ficavam encantados.

A menina a olhou com seus olhos muito inocentes e ingênuos. Ravenna sorriu para ela, sabendo que esta charada iria acabar em breve e, então, ela corrigiria os erros que haviam sido cometidos contra ela e seu povo.

— Sei que isso é difícil, criança. Quando eu tinha sua idade, também perdi minha mãe.

Acariciou a bochecha de Branca de Neve. Ela podia ouvir a orquestra na frente da grande catedral dando início à cerimônia. Assim que ela caminhasse pelo corredor, tudo aconteceria como planejado.

Enquanto esperava pelas notas iniciais da marcha nupcial, seus pensamentos voltaram para o dia em que os homens do rei haviam chegado em sua aldeia. Ela era muito jovem. Ravenna e seu irmão, Finn, estavam na carroça cigana com sua mãe. Sempre juntos, formavam um pequeno clã de viajantes, até o dia em que o exército do rei chegou. Sua mãe segurara um espelho em frente ao seu rosto e dissera:

— Só isso pode salvá-la.

Em seguida, ela tomou o pulso da filha e o segurou sobre uma tigela com um líquido branco, sussurrando feitiços. Com uma lâmina afiada, cortou o pulso de Ravenna e deixou o sangue gotejar na tigela, o vermelho vivo contrastando com o branco. Ravenna bebeu a poção rapidamente para não sentir o gosto. Às vezes, quando fechava os olhos, ainda podia sentir o sabor forte e metálico do líquido em sua língua.

— Beba rápido — sua mãe dissera. — Agora, você terá o poder de roubar juventude e beleza. Porque esse é seu poder derradeiro e sua única proteção.

Os homens do rei tiraram os ciganos de suas casas e os mataram. Finn gritava. Ele queria protegê-la, e Ravenna se lembrava claramente daquilo. Sua mãe havia colocado as mãos nas testas e sussurrado mais magias, mais palavras, depositando neles um poder que os ligava. Sempre teriam um ao outro e Ravenna estaria ligada a ele até a morte. Corriam tão rápido, sem olhar para trás, e mal recuperavam o fôlego.

Os dois escaparam, mas a mãe tinha sido deixada para trás. O cabelo na parte de trás do pescoço de Ravenna arrepiou quando se lembrou de como o soldado havia pressionado a espada contra a garganta de sua mãe. A mãe, então, falou suas últimas palavras, chamando a atenção de Ravenna enquanto esta se afastava a cavalo.

— Saiba — gritou — que pelo mais belo sangue isso foi feito e somente pelo mais belo sangue pode ser desfeito.

Então, sua mãe caiu de joelhos, derramando o sangue sobre a grama. Dentro de minutos, estava morta.

— Ravenna? — uma voz suave perguntou. — Ravenna? Está na hora.

Ravenna abriu os olhos. Branca de Neve estava em pé atrás dela, segurando a cauda de seu vestido. As portas de madeira

estavam abertas. Havia mil olhos sobre ela, esperando que caminhasse pela neve. Ela se arrumou, respirou fundo e seus olhos azuis iam se escurecendo à medida que se fixavam no rei. “A menina está certa. Está na hora.”

Naquela noite, enquanto os últimos convidados bebiam e comiam no pátio do castelo, Ravenna levou o rei ao quarto dele. Deitou-se ao seu lado com seu vestido de noiva branco, os longos cabelos ondulados soltos sobre os ombros, observando enquanto ele terminava de beber o vinho. Ele correu os dedos pelos cabelos dourados dela e os deixou descansar sobre a fina coroa de ouro. Rubis e esmeraldas pontilhavam a frente. O noivo estava enfraquecido pelas festividades do dia, seus movimentos mais lentos depois de tanta bebida. Era um alvo fácil...

Ravenna havia escondido debaixo do travesseiro, algumas horas antes, um punhal de prata. Pegou-o e o levantou acima da cabeça, focalizando o centro do peito do rei, onde o osso escondia o coração. Num movimento rápido, apunhalou seu peito e assistiu ao corpo estremecer pelo golpe repentino.

— Primeiro, vou tirar sua vida, meu senhor — Ravenna sussurrou enquanto o rei ficava imóvel. — Depois, vou tomar seu trono.

Caminhou para fora do quarto com passos largos e seguiu pelo corredor, deixando o rei retorcido nos lençóis ensanguentados. Moveu-se rapidamente, descendo as escadas para o portão levadiço do castelo. Seu irmão, Finn, estava esperando fora da treliça de ferro. Seu exército estava atrás dele, os soldados de sombra quase invisíveis à luz do luar. Ela ergueu o portão de metal e os soldados fluíram para o interior. Dentro de minutos, ocupavam cada centímetro do castelo.

Enquanto os soldados lutavam, Ravenna voltou ao seu quarto. Podia ouvir os gritos dos civis escada abaixo e o tilintar de espada

contra espada. Um dos homens de seu irmão havia trazido um espelho enorme. Parecia um escudo redondo de bronze extremamente polido. Quando ficou sozinha, o ar fora de sua sala saturado com gritos e berros, olhou para o espelho. Era muito maior do que o que sua mãe havia segurado diante dela há tantos anos e era ainda mais poderoso.

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas? — perguntou.

A superfície do espelho ondulou. Um líquido se derramou no chão próximo aos pés de Ravenna, se transformando em uma estátua de bronze quase tão alta quanto ela. A figura estava envolta em tecido grosso, mas refletia o quarto ao seu redor. O rosto do homem-espelho refletiu exatamente o rosto de Ravenna.

— É você, minha rainha — disse. — Outro reino cai para a vossa glória. Não há fim para seu poder e sua beleza?

Ao ouvir as palavras do espelho, Ravenna soube que a magia que sua mãe lhe concedera era ilimitada. Na presença dela, reinos caíam, homens pereciam e até mesmo objetos simples ganhavam uma vida mágica, revelando segredos que ninguém mais poderia saber. Ergueu as mãos, sentindo a luz em seus dedos e se lembrando de tudo o que sua família havia perdido para o rei. Ele estava, finalmente, morto. O reino era novamente dela e ninguém poderia machucá-la: nem agora nem nunca.

Quando a luta terminou e o pátio ficou em silêncio, ela desceu as escadas. Os guerreiros de sombra lá estavam reunidos. O sangue havia respingado sobre mesas e cadeiras, havia pratos quebrados no chão e restos do jantar comemorativo espalhados por toda parte. Sequer estremeceu ao ver os corpos, alguns deles de mulheres, caídos em seus assentos. Convidados do casamento e nobres sobreviventes estavam alinhados contra a parede, contidos pelo exército de Finn.

— O que devemos fazer com os que sobraram? — um general perguntou. As mulheres imploravam por misericórdia. Alguns nobres até choravam. Eles puxavam seus filhos para perto de si, tentando protegê-los, embora inutilmente. Ravenna fechou os olhos, se lembrou de sua mãe e de quão brutalmente *todas* as mulheres na sua aldeia haviam sido chacinadas. Era isso o que estava destinado a acontecer. Fora erro do rei, não dela. Era assim que deveria ser.

— À espada — disse, segura de si. Enrolou seu vestido no corpo e tremeu por causa do ar fresco da noite. Então saiu.

Pelo canto do olho, viu Finn segurando a menina. A faca estava pressionada contra o pescoço de Branca de Neve. Algo no rosto da menina a pegou de surpresa, aquela criança que, poucas horas antes, havia segurado a cauda de seu vestido de casamento. Seus lábios tremiam e lágrimas transbordavam de seus olhos.

— Finn, não! — **berrou, sem conseguir se conter. Ele estreitou os olhos para ela, como se não estivesse bem certo de que ouvira direito. Ela se movimentou com altivez para não parecer fraca diante de seu irmão, que tinha acabado de lutar valentemente em seu nome e sem questionar suas ordens.**

— Prenda-a. Nunca se sabe quando o sangue real será de algum valor.

Seus olhos encontraram os de Branca de Neve. Fitaram uma à outra, o caos permanecia ao redor delas. Mulheres foram arrastadas para fora do palácio para serem mortas. Nobres lutaram contra os soldados. Um menino estava gritando por sua mãe, com o rosto vermelho e coberto de lágrimas. Mas, naquele momento, Ravenna só via Branca de Neve e Branca de Neve só via Ravenna. A rainha colocou a mão no peito, querendo saber o que sentia por aquela criança, a herdeira do reino que havia derrubado. Estavam ligadas por alguma força estranha e poderosa. Ravenna ficou ali, a mão sobre

o coração, até que Finn saiu para as masmorras e levou Branca de Neve.

Os olhos da criança nunca deixaram os seus. Ela ainda olhava a rainha sobre o ombro, até que desapareceu atrás da pesada porta de madeira.



**Porte
Um**

Pelo

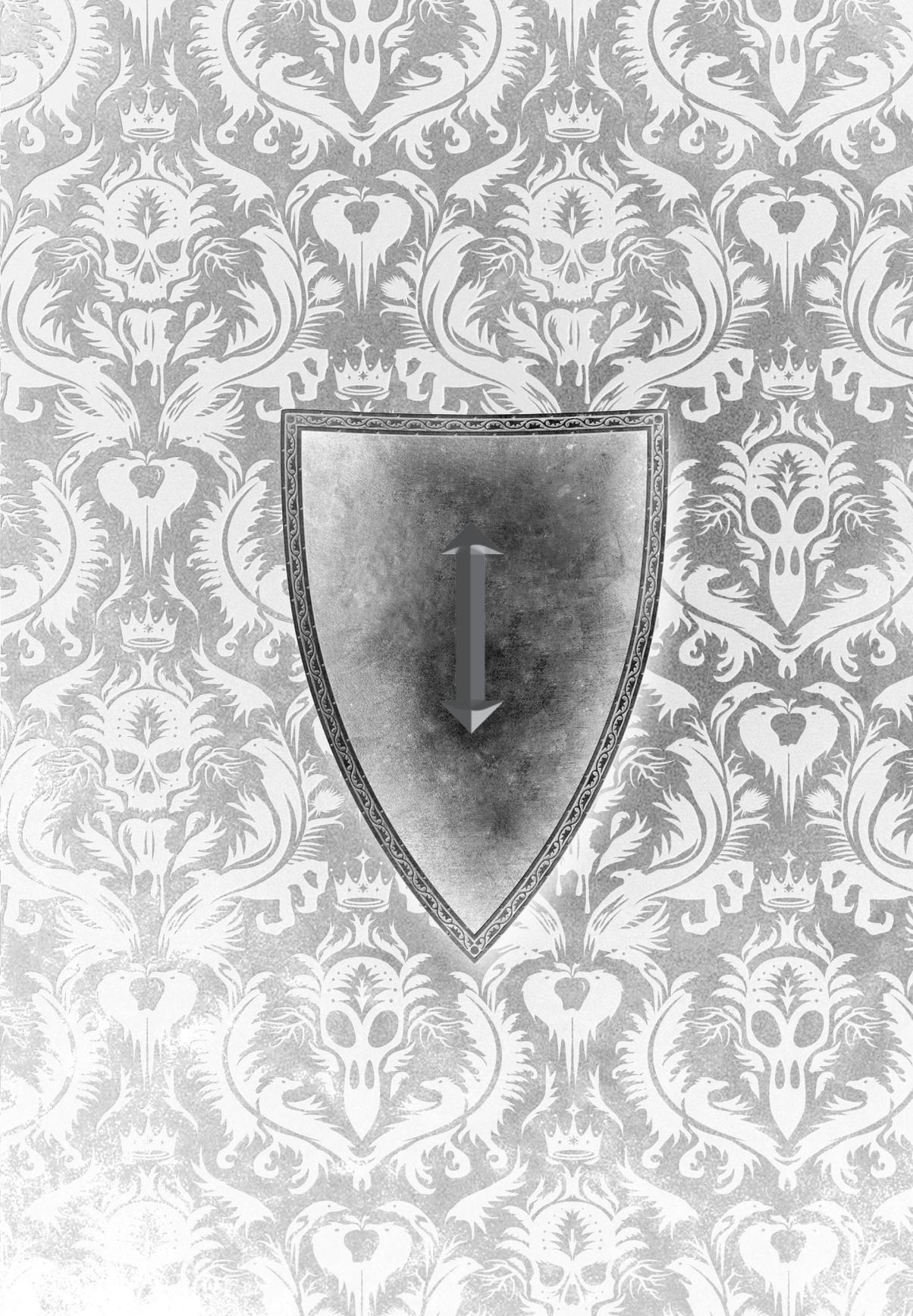
mais belo

sangue

está

feito...







Finn foi vê-la novamente. Mesmo deitada em sua cama, com os olhos semicerrados, Branca de Neve conseguia ver a sombra dele na parede do calabouço. Ela não disse nada. Em vez disso, tirou o cobertor emaranhado de cima de si e o dobrou na cama estreita. Correu os dedos pelos cabelos, tentando desfazer os nós que se formaram na nuca. Então, se ajoelhou e começou a acender o fogo como fazia todos os dias, torcendo a madeira para frente e para trás, indo e voltando, até que as lascas finas se incendiassem. Quando o fogo subiu, trazendo calor para seus dedos, Finn já havia ido embora.

Estendeu suas mãos para aquecê-las. Ele a visitava algumas manhãs e a observava além das grades, os olhos pequenos dardejando acima do nariz longo e fino. Nunca dissera nada, nunca deixara nada, nem mesmo um prato de comida ou um jarro de água. Ela se perguntava se ele ficava feliz em vê-la agora, com pouco

mais de 17 anos, ainda trancada no calabouço da torre. Será que ele sente algum remorso? Será que se importa? Duvidava disso.

Branca de Neve arrumou o vestido esfarrapado em seu corpo, enfiando os dedos nus dos pés debaixo da bainha. Fazia dez invernos. Em certo momento, parou de contar dias ou semanas e passou a prestar atenção apenas na mudança das estações. Olhava para as copas das árvores pela janela da cela. Conhecia cada galho das árvores assim como conhecia cada parte de seu corpo. Nos meses mais quentes, folhas verdes brilhantes rebentavam delas e cresciam por todo o verão. Depois, elas mudavam de cor. O verde dava lugar a dourados e vermelhos, até que todas elas murchavam e caíam, uma a uma, sobre o solo.

Agora, com os fracos traços de primavera no ar, ela se perguntava se este ano seria diferente, se este seria o ano em que Ravenna viria até ela, finalmente, para acabar com esse aprisionamento. Já fazia tanto tempo que ela quase não se importava mais com a cela abafada. As paredes estavam sempre frias e úmidas, cheirando a mofo. A luz entrava apenas uma vez por dia, por pouco mais de uma hora, quando o Sol aparecia sobre as árvores. Ela sempre se sentava onde ele estava, deixando-o beijar seu rosto até que fosse embora. Mas era a solidão que a matava. Tinha dias em que só queria falar com alguém. Em vez disso, repetia as mesmas memórias em sua mente, acrescentando novos detalhes, mudando alguns, tentando manter unidas as peças do seu passado.

Pensava em seu pai, em como ela o encontrou na noite do casamento, em seu corpo ensanguentado. Lembrava-se do calor da mão da mãe em sua testa, confortando-a antes de dormir. Mas sempre voltava para o mesmo momento, que era tão vívido, mesmo agora, dez anos depois.

Foi logo depois que sua mãe ficou doente. O rei e o duque Hammond os observava da varanda do castelo, como faziam algumas

vezes. O filho do duque, William, era da sua idade e eles brincavam juntos quase sempre, correndo um atrás do outro pelo pátio ou resgatando pássaros doentes. Ele tinha subido na macieira, o cabelo castanho-escuro todo despenteado. Um arco de brinquedo repousava em suas costas.

Branca de Neve o seguia, abraçando a árvore para não cair. Quando estavam a quase cinco metros de altura, William arrancou uma maçã de um ramo e estendeu para ela. Era branca e vermelha, sem uma única marca.

— Vá em frente — disse ele, sua mão estendida, esperando que ela a pegasse. Ele tinha olhos castanho-claros, e, quando inclinou o rosto em direção ao Sol, ela viu que eram pontilhados de verde.

Ela estendeu a mão para pegar a maçã, mas ele a puxou de volta e a mordeu. Então, ele abriu seu sorriso “eu-só-estou-te-provocando”, que era tão familiar.

— Te peguei! — ele riu. Ela ficou tão irritada que o empurrou. Ele perdeu o equilíbrio, agarrando-se a ela e a levando para baixo com ele. Ambos caíram e o ar de seus pulmões fora arrancado com intensidade quando bateram no chão. Permaneceram ali, ofegantes, até que um deles finalmente riu. Então, não conseguiram parar de rir. Eles riram e riram, rolando na grama. Ela nunca se sentiu tão feliz.

Agora, anos depois, ela se sentou na cela fria, os olhos fechados, tentando se lembrar do rosto dele. Perguntava-se se ele ainda estava vivo ou se os soldados de Ravenna o haviam localizado em algum lugar além das muralhas do castelo. A última vez que o vira foi na noite do casamento. No caos, duque Hammond o jogara na garupa de seu cavalo. Um dos guarda-costas do duque a havia colocado em outro cavalo e os quatro correram em direção ao portão levadiço, tentando escapar. William gritava para que se apressassem. O portão estava descendo enquanto galopavam em direção a ele.

Quando estavam quase chegando lá, uma flecha atingiu o guarda-costas no peito, jogando-o do cavalo. O cavalo recuou, retardando a fuga de Branca de Neve. William e o duque se esquivaram por baixo do portão levadiço enquanto ele se fechava, deixando Branca de Neve presa no interior das muralhas do castelo.

William gritou para ela. Ela o ouvia implorando ao seu pai para voltar, mas os soldados de sombra já estavam fervilhando no pátio e seu guarda-costas se contorcia no chão. Branca de Neve foi amarrada e arrastada de volta para o castelo. A última coisa que viu foi o rosto de William, quando ele e seu pai partiram a galope.

Um som de passos ecoou de repente pelo corredor. Era como um trovão para os ouvidos sensíveis de Branca de Neve.

— Deixe-me ir! — uma garota gritava, sua voz avançando pelo corredor. — Fique longe de mim!

Branca de Neve se levantou e foi até a grade. Pressionou seu rosto entre as barras enferrujadas para ver melhor. Eles raramente mantinham outros prisioneiros na torre norte. Ela havia visto apenas três nesses dez anos, e a maioria deles aguardava a execução. Um homem mais velho, com quase 60 anos, havia sido pego roubando comida de uma das carroças de abastecimento de Ravenna. Ficou ali por apenas algumas horas antes de ser executado. Havia sido espancado de tal maneira que mal podia falar. Os outros dois presos também não haviam ficado lá por muito tempo.

O soldado arrastava uma jovem pelo corredor. Ela não era muito mais velha que Branca de Neve. Tinha grandes olhos azuis e um rosto redondo e pálido. Os cabelos loiros frisados caíam por suas costas. Ela lutou contra o controle do soldado, mas seu esforço foi inútil. Ele a jogou dentro da cela e a fechou.

O soldado voltava ao palácio pelo corredor de pedra, seus passos soando cada vez mais fracos à medida que descia as esca-

das. Branca de Neve esperou pelo silêncio antes que se atrevesse a falar.

— Olá...? — disse. Surpreendeu-se com o som da própria voz. Tossiu. — Qual é seu nome? — inclinou-se para o lado, tentando obter uma visão melhor da garota, que havia desaparecido na parte de trás da cela.

Depois de alguns instantes, a garota reapareceu. Pressionou o rosto contra as grades, enxugando as lágrimas de suas bochechas.

— Eu sou Rose — disse com medo.

Branca de Neve ignorou seu vestido esfarrapado. Só podia imaginar como ela era, depois de tantos anos trancada, sem nem mesmo uma escova para pentear o cabelo.

— Como você chegou aqui? — Branca de Neve perguntou. — Você cometeu algum crime contra Ravenna?

Rose balançou a cabeça. Fitou um ponto no chão, seus olhos lacrimejavam.

— Eu não fiz nada — disse ela. — Todas as garotas da minha aldeia foram raptadas e eu estava tentando achar um abrigo seguro no castelo do duque Hammond quando fui pega. Eu estava...

— O duque? — perguntou Branca de Neve, com a voz trêmula. — Ele está vivo?

— Sim — Rose respondeu. — Sua aldeia, em Carmathan, tem abraçado os inimigos de Ravenna.

A garganta de Branca de Neve secou. Pensava que Ravenna utilizara de sua magia negra para encontrar duque Hammond e William há muito tempo. Havia se convencido de que estavam mortos.

— Ele ainda luta em nome de meu pai? — perguntou ela.

Rose estudou-a de cima a baixo, atentando-se ao cabelo emaranhado e à sujeira que manchava seus joelhos. Havia buracos na parte mais baixa do vestido de Branca de Neve. Ela tentou cobri-los com as mãos. Não os havia notado, até agora.

— Você é... A filha do rei? — a garota perguntou. — *A princesa?* — Rose ficou boquiaberta. Estava totalmente confusa.

Branca de Neve assentiu. Seus olhos se encheram de lágrimas. Pensava somente no duque, em como se lembrava dele sentado ao lado de seu pai no jantar, rindo alto de suas piadas. Ele havia levantado William com uma grande arremetida e o colocado sobre os ombros. Ela se lembrou de que ficou olhando para eles, pensando que William era a pessoa mais alta do mundo. Sempre teve ciúmes de ele conseguir tocar o teto.

Rose balançou a cabeça e pressionou o dedo indicador contra a têmpora.

— Na noite em que o reinado de Ravenna começou, fomos informados de que todos no castelo foram mortos à espada. Como você foi poupada?

Branca de Neve balançou a cabeça, não queria revisitar aquela noite. O cheiro de sangue no pátio de pedra. Como Finn a havia levado pela escada estreita e comprida até a masmorra. Mesmo depois de todos esses anos, ela não sabia por que Ravenna havia tido misericórdia dela no último momento.

— William...? — perguntou, vendo o rosto dele novamente, aqueles olhos castanhos a fitando por entre os galhos da macieira. — O filho do duque, ele ainda está vivo?

Rose apertou as barras de metal.

— Sim, princesa — respondeu com calma. — Ele está lutando pela causa. Ele é conhecido por ataques-surpresa ao exército de Ravenna. Eu não tenho ouvido falar dele há algum tempo, mas...

— Quanto tempo é algum tempo? — Branca de Neve a interrompeu. William estava lá fora, em algum lugar além das muralhas do castelo, ainda lutando. Ela foi consumida por aquela nova esperança, não conseguia se conter. O duque e William eram como

família para ela. Talvez ela pudesse reviver suas esperanças. Talvez o exército de Ravenna ainda fosse derrotado.

Rose olhou para o chão de pedras úmidas.

— Seis meses, talvez um pouco mais.

Branca de Neve deixou escapar um profundo suspiro de alívio. Nem tudo estava perdido. Ainda havia pessoas lutando, se recusando a ceder às forças da escuridão que haviam tomado o reino de seu pai. Secava as lágrimas que caíam de suas bochechas.

— Você está bem, princesa? — Rose perguntou. Ela se inclinou, tentando vê-la melhor.

— Estou — disse Branca de Neve, e deu um riso pequeno e cheio de esperança. — Nunca estive mais feliz.